

Apoios sim, mas com discrição

SYLVIO COSTA

Para quem tem proclamado aos quatro cantos pouco interesse na obtenção de apoio de lideranças políticas, o candidato Fernando Collor de Mello já conseguiu uma proeza. Pelas contas do seu principal articulador político, o deputado federal Renan Calheiros (PRN/AL), estão engajados em sua candidatura pelo menos 8 governadores, 150 deputados federais e senadores, além de um número incalculável de deputados estaduais, prefeitos e vereadores.

Além dos partidos que compõem a Coligação Brasil Novo (PRN, PSC, PTR e PST), estão alinhados em torno de seu nome parcelas significativas do PDS, do PMDB, do PFL e do PTB. Como se não bastasse, petebistas e pefelistas estão se movimentando para lhe oferecer apoio em bloco — possibilidade praticamente certa quanto ao PTB e um pouco mais complicada no que diz respeito ao PFL.

Indesejáveis — São tantas as insinuações feitas por indesejáveis candidatos a aliados que o assessor de imprensa Cláudio Humberto Rosa e Silva desabafa: “O nosso maior problema é ter que trabalhar com o pé na porta”. O pé é usado sobretudo para enxotar grandes empresários e políticos ligados ao presidente José Sarney que resolvem collorir publicamente. Para esses casos, não se admite outra coisa a não ser o apoio discreto, como do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, ou do banqueiro José Eduardo Andrade Vieira (dono do Bamerindus),

que jamais passaram pelo constrangimento de serem execrados em público, como ocorreu com a poderosa Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Renan de qualquer maneira, está menos preocupado com o apoio eleitoral imediato do que com a garantia de uma base de sustentação para um futuro Governo Collor de Mello. “Sabemos que a eleição, como aconteceu no primeiro turno, não será decidida em função de apoios”, argumenta. “Mas assegurar governabilidade ao futuro presidente é algo que nos preocupa desde já”. Nesse sentido, Collor já tem consigo no mínimo 8 governadores, conforme Calheiros: Nilo Coelho (BA), Hélio Gueiros (PA), Antônio Carlos Valadares (SE), Alberto Silva (PI), Amazonino Mendes (AM), Moacir Andrade (AL), Tarcísio Burity (PB) e Siqueira Campos (TO).

Os maiores esforços, porém, são empreendidos no sentido de buscar apoio no Congresso. Ali, Collor amargou conhecida frustração com a perda do PSDB, com quem gostaria muito de contar. Como ex-tucano, Calheiros — um político de 34 anos que surgiu na vida pública como deputado estadual do MDB alagoano e que hoje lidera a bancada do PRN na Câmara — arrisca um palpite sobre a decisão do PSDB de negar apoio a Fernando Collor: “Eles temeram a concorrência, porque entenderam, mais rápido que outros setores, que Collor fará mesmo um Governo social-democrata, ocupando assim o espaço que eles consideram reservado ao PSDB”.